



O QUE SE FALA SOBRE CULTURA VISUAL E EDUCAÇÃO NOS ENCONTROS DA ANPAP

Bianca Taiana S. L. Alves - Maria Emilia Sardelich

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - biancataiana@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – emilisar@hotmail.com

RESUMO

Um dos campos de estudo que discute as possíveis interconexões entre Arte e Educação é o da Cultura Visual, que vem se configurando no âmbito acadêmico desde a década de 1980. Para conhecer o que se fala sobre Cultura Visual e Educação realizou-se um levantamento bibliográfico nos Anais dos Encontros da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), no período de 2005 a 2015. O levantamento bibliográfico realizado nos Anais da ANPAP integra-se a um projeto de pesquisa mais amplo, sobre o estado do conhecimento da Cultura Visual no Brasil, no período de 2005-2015, conduzido pelo Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A coleta realizada efetivou-se a partir de dois descritores: cultura visual e visualidade. Esses descritores foram selecionados em virtude da Cultura Visual ainda ser um campo de estudo emergente, em construção, com muitas divergências entre seus estudiosos em relação à sua delimitação e ao seu próprio objeto de estudo. Por essa razão optou-se pelo termo que denomina o próprio campo como também pelo conceito que diferencia a Cultura Visual de outros campos de estudo, que é o conceito de visualidade, compreendido como modos de ver. Dentre os dois mil quinhentos e oitenta e três trabalhos apresentados ao longo dos dez encontros, foram localizados cento e vinte e três trabalhos que continham os descritores cultura visual e ou visualidade no título, resumo ou palavras-chave das comunicações. Dos cento e vinte e três trabalhos que discutiram sobre o campo da Cultura Visual nesses dez anos identificou-se sessenta e um situam-se no âmbito da Educação. Os resultados apontam que os projetos de trabalho sobre a Cultura Visual na Educação Básica ampliam o debate sobre o Ensino de Arte com questões referentes aos afetos; a cidade, o espaço urbano e público; ao cotidiano, ao corpo; ao gênero, a sexualidade e as identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Visual; estado do conhecimento; levantamento bibliográfico; Anais ANPAP.

Introdução

Os campos de estudo costumam se configurar atravessados por inúmeras linhas e conexões que podem contestar as fronteiras disciplinares de outros campos em incontáveis vozes simultâneas. Seus antecedentes e contextos resultam de um esforço coletivo que requer certo tempo para a sua aceitação. Jay (2003) afirma que a publicação do livro *Vision and Visuality (Visão e Visualidade)*, editado pelo historiador da arte estadunidense Hal Foster, como resultado de um evento organizado pela *Dia Art Foundation*, de Nova York, Estados Unidos, em abril de 1988, apresenta a massa crítica que situou o campo de estudo que, entretanto, já vinha movimentando pesquisadores das Artes Visuais, Literatura, Cinema e Mídia em torno dos primeiros programas de Pós-Graduação em Cultura Visual. As noções de visão -o processo fisiológico em que a luz impressiona os olhos- e visualidade -o olhar socializado- são fundamentais para o campo de



estudo da Cultura Visual, pois pensar sobre essas práticas implica questionar os modos pelos quais vemos o mundo e a nós mesmos e, também, como somos capazes, autorizados e ou levados a ver a nós no mundo (JAY, 2003).

Na linguagem comum do cotidiano utilizamos o vocábulo visual e visualidade como sendo aquilo que vemos e tudo aquilo que é visível. No âmbito da optometria, a vista -o olho, o órgão da visão- é a habilidade para ver algo e a visão a capacidade para compreender o que vemos. A visão implica captar a informação visual, processá-la e dar um significado a essa informação. Por isso a visão é um processo dinâmico, de organização, interpretação e compreensão do que vemos e que está em constante transformação (GIMÉNEZ, 2008). Isso quer dizer que nascemos com a vista, porém a visão é aprendida. Nesse entendimento o significado não está no objeto que se vê, mas é na relação com o que vemos que construímos o significado do que foi visto.

É o conceito de visualidade, como modos de ver, que vai articular a Cultura Visual como campo de estudo próprio. A Cultura Visual se diferencia da História da Arte por compreender que a visão não é um dado natural e, também, questionar a universalidade da experiência visual. Por isso, a Cultura Visual admite a especificidade cultural dos modos de ver em tempos e espaços que devem ser contextualizados. A tradição disciplinar da História da Arte Ocidental tem privilegiado o que se vê, o objeto, e o produtor do objeto visto, por meio de uma visão disciplinadora. Hernández (2011) destaca que a tradição ocidental sobre a arte e as imagens privilegiou o objeto e o produtor do objeto como um criador individual. Nesse entendimento nossa visão se dirige para o que é visto e tratado como uma espécie de enigma a ser decifrado com o auxílio da disciplina História da Arte. Nessa tradição tanto a escola como o museu são lugares que disciplinam a visão para ver aquilo que alguns especialistas decidem sobre o que deve ser visto. Essa visão disciplinada e disciplinadora não se pergunta sobre o efeito que aquilo que é visto tem em quem vê. Em relação ao efeito, Hernandez (2011) destaca que, para além do efeito emocional ou evocativo, podemos indagar sobre o efeito posicional e subjetivador.

Consideramos que o diferencial da Cultura Visual, em relação a outras propostas para o trabalho com as imagens, sejam da arte ou não, é o de focalizar a interpretação daquele que vê e não o objeto que é visto, nem o produtor desse objeto. A Cultura Visual privilegia a interpretação daquele que vê, os significados que aquele que vê constrói na medida em que se relaciona com os artefatos visuais, fala e é escutado, sobre a relação que ele estabelece entre aquilo que vê e seu próprio contexto. Mais do que pensar em quais imagens ou objetos devem ser estudados ou questionados, a Cultura Visual explora os discursos sobre os quais essas representações, que se plasmam em imagens ou objetos, constroem narrativas, modos de dizer o que é e como é o mundo que habitamos, além de tentar fixar determinadas visões sobre nós nesse mundo. Por isso, os educadores que se identificam com a abordagem da Cultura Visual estão atentos às imagens que estão nas camisetas, nos celulares, nas pastas e cadernos dos educandos; os programas de



televisão a que assistem; as séries que perseguem e estendem seus enredos; dos jogos preferidos; das revistas que leem; suas roupas; grupos musicais e outros objetos de culto.

Do mesmo modo que a imagem é produzida, se multiplica e circula apressadamente pelas diversas redes biotecnológicas, a produção acadêmica sobre o campo da Cultura Visual experimenta essa mesma avidez. No Brasil, em 2005, a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), dedicou seu Encontro ao tema da *Cultura Visual e Desafios da Pesquisa em Arte*. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) editou a Coleção *Educação da Cultura Visual*, entre 2009 e 2015, com a organização de Irene Tourinho e Raimundo Martins, que reúne grande parte da bibliografia em língua portuguesa desse campo de estudo. A problematização sobre a experiência visual também vem ganhando espaço em dissertações de mestrado e teses de doutorado. A quantidade dessa produção em inúmeras áreas do conhecimento tem gerado alguns questionamentos entre os pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tais como: De que modo vem sendo construído o campo de estudo da Cultura Visual no Brasil? Quais as contribuições e pertinência destas publicações para o Ensino de Arte e da Educação no Brasil? Quais as contribuições desses estudos para o cotidiano escolar e professores da Educação Básica do Brasil?

Em função desses questionamentos, o GPEAV vem elaborando um estado do conhecimento sobre a Cultura Visual no Brasil entre os anos de 2005 - 2015. Dayrell; Carrano (2009) afirmam que se convencionou denominar de “estado do conhecimento” ou “estado da arte” esse esforço sistemático do qual nenhum campo do saber pode prescindir de inventariar, de fazer um balanço sobre o conhecimento produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. A investigação sobre o estado do conhecimento da Cultura Visual no Brasil propõe-se a contribuir com a consolidação do campo de estudo, divulgando a sua produção acadêmica como também indicando suas bases de sustentação, as temáticas investigadas, o processo histórico dessa produção e a distribuição geográfica de seus polos de produção. Inserida na abordagem qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, a pesquisa descreve as informações sobre os trabalhos acadêmicos produzidos no campo de investigação. Spósito (2009) adverte que a confiabilidade de um levantamento que pretende caracterizar-se como estado do conhecimento depende tanto do recorte do universo a ser investigado quanto das fontes disponíveis para consulta. Por essa razão, o GPEAV articula, neste momento, levantamentos da produção acadêmica em três fontes de consulta: Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Anais dos Encontros da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e a *Coleção Educação da Cultura Visual*, editada pela UFSM.

O recorte que se apresenta nesta comunicação refere-se à coleta, organização e classificação das comunicações apresentadas e publicadas nos Anais da ANPAP entre os anos de 2005-2015. Para tanto organizamos esta comunicação em três partes. A primeira expõe o processo de levantamento bibliográfico realizado nos Anais da ANPAP; a segunda apresenta os dados coletados sobre os trabalhos no campo de



estudo da Cultura Visual destacando aqueles vinculados a projetos de pesquisa ou trabalho desenvolvidos em escolas de Educação Básica, pois o recorte que realizamos nesta comunicação indaga sobre os espaços que a Cultura Visual vem ganhando nesse âmbito. A terceira parte tece as considerações alcançadas com este estudo até o momento.

A coleta da produção acadêmica

Bardin (1979), no clássico livro sobre análise de conteúdo, destaca que, em geral, os pesquisadores têm uma certa dificuldade e alguns até uma certa repugnância em descrever sua hesitante alquimia e se contentam com uma exposição rigorosa dos resultados finais evitando explicitar as hesitações dos “cozinhados” que os precederam, o que dificulta o trabalho dos pesquisadores iniciantes. Destacamos que este processo de investigação e sua comunicação também têm um caráter didático, pois se vincula à formação de pesquisadores iniciantes. Por isso mesmo procuramos descrever o processo de elaboração com suas dificuldades, os possíveis erros que nos levaram a corrigir o rumo previamente estabelecido. A coleta de dados que apresentamos neste tópico restringiu-se aos Anais dos Encontros da ANPAP entre os anos de 2005-2015. Justificamos nossa escolha por esses documentos em função da ANPAP ser a associação que congrega pesquisadores, centros e instituições de pesquisa para promover, desenvolver e divulgar pesquisas no campo das artes plásticas e visuais. Os encontros anuais da ANPAP são dos mais significativos da área de Arte.

Os descritores utilizados para a coleta de dados são os mesmos para todas as fontes de consulta: cultura visual, que é a denominação do campo de estudo e visualidade, o conceito que diferencia esse campo dos demais. A coleta dos trabalhos se fez a partir dos descritores expressos no título, resumo ou palavras-chave. Apesar dos Encontros da ANPAP se organizarem por Comitês e contarem com um específico de Educação em Artes Visuais (CEAV), o levantamento realizado coletou trabalhos em todos os comitês, em virtude do campo de estudo da Cultura Visual poder fundamentar pesquisas nas várias áreas dos demais Comitês. Durante a coleta de dados encontramos algumas dificuldades relacionadas à precariedade da base de dados. Em incontáveis ocasiões o *website* da ANPAP esteve em manutenção como também os links que enlaçavam a produção encontravam-se inativos. Vários trabalhos foram localizados em *websites* pessoais dos autores e outras bases de dados, porém só foi possível chegar aos outros domínios graças aos dados precisos de autores e títulos indicados nos sumários dos Anais. Outra dificuldade refere-se aos resumos, pois nem todos apresentam os elementos recomendados para compô-lo.

Estamos cientes que alguns trabalhos que inserem-se no campo da Cultura Visual e foram apresentados nos Encontros desses anos podem não ter entrado em nossa seleção, pois constatamos que alguns autores, que historicamente se vinculam a esse campo de estudo no Brasil, em algumas comunicações apresentadas não fizeram referência ao mesmo no resumo nem nas palavras-chave. Constatamos que há uma



profusão de palavras-chave no campo de estudo e a escolha dessas pode afetar a representação e recuperação de informação pelos pesquisadores. Ao longo da coleta percebemos que as palavras-chave devem indicar os principais conceitos de um assunto ou campo de estudo e são úteis para a indexação, busca e categorização da produção acadêmica. Também identificamos algumas inconsistências em relação às informações dos autores e suas vinculações institucionais, que foram dissipadas consultando a Plataforma Lattes. Apesar dessas dificuldades, estas não invalidaram a coleta e sistematização dos dados que nos fornecem pistas a respeito da produção acadêmica brasileira sobre Cultura Visual em projetos de pesquisa ou trabalho em escolas de Educação Básica.

A produção acadêmica localizada

Finalizada a coleta de dados, localizou-se cento e vinte e três trabalhos que apresentavam os descritores cultura visual e ou visualidade no título, resumo ou palavras-chave dentre um total de dois mil quinhentos e oitenta e três comunicações registradas nos Anais no período de 2005 a 2015. Por estarmos vinculadas a um grupo de pesquisa em Ensino de Arte, nosso interesse volta-se para os espaços que a Cultura Visual vem ocupando na Educação Básica. Por essa razão iniciamos um processo de refinamento de dados na seleção dos 123 trabalhos localizados para identificarmos aqueles que relatassem experiências de projetos de pesquisa ou de trabalho desenvolvidos na Educação Básica. Desse modo definimos novos descritores que consideramos como característicos da área educacional: educação, escola, ensino, aprendizagem, aluno. Iniciamos uma depuração dos dados buscando identificar esses descritores da área educacional no título, resumo ou palavras-chave nos 123 trabalhos previamente selecionados. Por meio desse procedimento localizamos nesse cruzamento de descritores 61 trabalhos no âmbito da Educação.

Quadro1 – Comunicações apresentadas, trabalhos no campo da Cultura Visual e no âmbito Educação

ENCONTRO ANO	TOTAL TRABALHOS APRESENTADOS	TRABALHOS CAMPO CULTURA VISUAL	TRABALHOS CULTURA VISUAL NA EDUCAÇÃO
14° ANPAP 2005	136	02	--
15° ANPAP 2006	135	09	03
16° ANPAP 2007	164	11	05
17° ANPAP 2008	201	11	05
18° ANPAP 2009	308	13	07
19° ANPAP 2010	227	08	07
20° ANPAP 2011	332	16	06
21° ANPAP 2012	177	11	06
22° ANPAP 2013	326	17	08



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

23° ANPAP 2014	286	09	02
24° ANPAP 2015	291	16	12
TOTAL	2.583	123	61
	100%	≈ 4,8%	≈ 2,4

Fonte: Anais da ANPAP 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015.

O procedimento posterior ao refinamento da coleta foi o da leitura dos 61 trabalhos localizados a fim de identificar quais, efetivamente, vinculavam-se a experiências em escolas de Educação Básica. A partir da leitura dessa produção acadêmica identificamos um único trabalho, no ano de 2014, que apresenta um levantamento bibliográfico sobre o campo nos Anais II Congresso Matéria Prima, de 2013 em Lisboa, Portugal, ao qual atribuímos a abreviatura LB. Um único trabalho propõe um projeto de trabalho em Escola Técnica, que foi identificado com a abreviatura ET e não foi incluído em nosso conjunto por ser um curso destinado aos egressos da Educação Básica. Duas apresentações em diferentes anos referem-se a formação continuada de docentes, identificada com a abreviatura FCD, porém trata-se da mesma pesquisa realizada em uma escola rural, procurando identificar como os docentes de Artes Visuais trabalham com a visualidade rural no espaço pedagógico. Quatro trabalhos propõem intervenção em espaços não formais de educação, em projetos abertos à comunidade realizados fora do espaço formal escolar, que foram identificados com a abreviação ENF. Localizamos 24 comunicações que se organizam em torno de uma discussão teórica sobre possíveis fundamentos para a pesquisa com as imagens na Educação, seja para discutir os afetos, o corpo, o gênero, a sexualidade, as relações étnico-raciais, as identidades, a escola na Sociedade de Controle, entre outros, para os quais atribuímos a abreviação DT. Identificamos 17 trabalhos que relatam experiências de intervenção no ensino superior que foram categorizados como ES. Vale destacar que desses 17 trabalhos de intervenção no ensino superior, 16 referem-se à formação de professores. Por fim localizamos 12 trabalhos (KLUG, 2006; COSTA; MARTINS 2008; LUCAS, 2009; PILLAR, 2010; CASTRO, 2012; VILELA, 2013; FERNÁNDEZ; DIAS, 2013; FIRMINO, 2015; PILLAR; GOULART, 2015; SASSO, 2015; MEDEIROS, 2015; VILELA, 2015), que são o centro de nosso interesse, aqueles que propõem um projeto de pesquisa ou trabalho em escola de Educação Básica, identificados com a abreviatura INTEB.

Nesse levantamento constatamos que, quantitativamente, há um maior número de trabalhos que ainda discutem os fundamentos do campo da Cultura Visual e suas possibilidades de pesquisa na área da Educação, seguido de experiências realizadas no Ensino Superior. Em relação às intervenções realizadas na Educação Básica, sete dessas aconteceram no Ensino Fundamental (KLUG, 2006; COSTA; MARTINS 2008; PILLAR, 2010; CASTRO, 2012; MEDEIROS, 2015; PILLAR; GOULART, 2015; ZANIN; FIRMINO, 2015), três no Ensino Médio (LUCAS, 2009; FERNÁNDEZ; DIAS, 2013; SASSO, 2015) e duas na modalidade de Jovens e Adultos (VILELA, 2013; VILELA, 2015).



Klug (2006) procurou evidenciar o contexto gerador do ato gráfico, do desenho infantil nas relações entre cultura visual e de massa na vida cotidiana da infância. Costa; Martins (2008) pesquisaram com crianças de idades compreendidas entre 8 e 10 anos a fim de verificar como estas constroem significados sobre as visualidades cinematográficas, as imagens do cinema. Pillar (2010) descreve um projeto de pesquisa amplo que pretende discutir a apreensão de sentidos dos sujeitos da Educação Infantil e Ensino Fundamental sobre desenhos animados e produções artísticas que envolvam o audiovisual, para compreender a interação com tais criações, além de conhecer possíveis relações que as crianças estabelecem entre as produções da mídia e da arte contemporânea. A autora destaca seu interesse por problematizar a leitura da visualidade no ensino da arte, procurando entender os efeitos de sentidos que as diferentes linguagens possibilitam, bem como as significações que as crianças apreendem e conferem a estas produções sincréticas. Indica os procedimentos relacionados a apreensão de sentidos de estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental, em uma escola de Porto Alegre (RS), do desenho animado Bob Esponja (PILLAR, 2010). Em trabalho posterior (PILLAR; GOULART, 2015) relata o projeto desenvolvido com crianças do quinto ano do Ensino Fundamental, também em uma escola de Porto Alegre (RS), para conhecer as significações que um grupo de crianças atribuiu a produção de videoarte Cinema Lascado, de Giselle Beiguelman, a fim de verificar se conseguem diferenciar os modos de produção da videoarte daqueles empregados pela mídia televisiva. Castro (2012) descreve o projeto realizado em uma escola pública de Brasília, para o Ensino Fundamental, que explorou o campo da Cultura Visual por meio de três eixos metodológicos: a bricolagem de linguagens, a educação pela pesquisa para a compreensão e a pedagogia do cotidiano. A proposta do projeto inclui o processo de construção de um artefato visual que foi dividido em três etapas. Essas etapas foram elaboradas sob a perspectiva de que o estudo das visualidades é transdisciplinar, a partir de visualidades permeadas pelo teatro, pelas artes visuais, literatura e histórias em quadrinho. Medeiros (2015), como docente do sexto ano do Ensino Fundamental, em Canoas (RS), questiona junto aos estudantes com os quais interage o modo como se relacionam com a visualidade a partir das “novas tecnologias” (*sic!*), as razões pelas quais colecionam fotos com a própria imagem. A autora indaga se as imagens guardadas nos aparelhos celulares dos estudantes podem ser pensadas como coleções contemporâneas, se permitem pensar sobre as suas identidades e se seus autorretratos digitais possibilitam o entendimento do universo dos jovens na contemporaneidade. Zanin; Firmino (2015) apresentam um trabalho cujo objeto de estudo é a leitura de imagens de anúncios publicitários veiculados nos sites e redes sociais da internet acessados pelos sujeitos da pesquisa, estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental, na cidade de Vitória (ES). As autoras pretendem verificar os modos como esses sujeitos compreendem, recebem e interpretam essas imagens, a relação desta com a realidade.

Nas intervenções realizadas no ensino médio, Lucas (2009) pesquisa sobre a produção visual dos alunos de uma escola pública. Procura refletir com os alunos sobre questões referentes a suas concepções de adolescência, a formação da identidade e a possível influência das mídias na constituição das identidades



adolescentes. Destaca a valorização da subjetividade, daquele que vê a partir da interpretação da visibilidade de si, do outro e da visualidade social. Fernandez; Dias (2013) descrevem projeto de trabalho em uma escola de ensino médio, privada, na Bolívia, no qual analisam a arte contemporânea em uma série de ações performáticas com um carrinho de supermercado. Os estudantes converteram o carrinho de supermercado em meio de transporte com o qual realizavam ações performáticas nas ruas. Essas performances aliam-se a um manifesto que distribuíram na escola e na rua denominado de *Movere Mutatio*. Sasso (2015) fez uso das visualidades identificadas em uma periferia do Distrito Federal e imagens da arte para montar um espetáculo teatral no qual a ação acontece por meio das estratégias de um jogo de xadrez. Esse projeto buscou compartilhar e conectar saberes das artes visuais, história, artes cênicas, matemática, sociologia além da dança, no diálogo entre os conteúdos curriculares com as vivências do dia a dia dos estudantes. A autora destaca que esse tipo de projeto potencializa o empoderamento político dos sujeitos inseridos no mesmo, bem como a consideração da crítica às estruturas de poder e acomodação sujeitos.

Vilella (2013) apresenta suas primeiras considerações em torno de pesquisa realizada em escola municipal de Duque de Caxias, (RJ), sobre as imagens que envolvem os interesses dos estudantes da modalidade de Jovens e Adultos. Fez uso da intervisualidade da obra *A última Ceia*, de Leonardo da Vinci (1452 – 1519), e suas apropriações cotidianas, como, por exemplo, o uso da mesma pelo *rapper* Emicida. A autora considera que muitas são as imagens que transitam, mas que ficam invisibilizadas no cotidiano da escola e que precisam ser desveladas afirmando que os projetos em Cultura Visual seriam uma possibilidade para esse desvelamento. Posteriormente, a autora dá continuidade a essa experiência em uma nova apresentação (VILELLA, 2015), aproximando-se mais da cultura *Hip Hop* em função de pesquisar com os estudantes sobre as imagens que lhes interessam, pois, geralmente, os interesses dos estudantes, sobretudo da modalidade jovens e adultos, e suas visualidades não são visíveis na escola.

Entre a produção destacada na Educação Básica, nota-se a permanência dos pesquisadores em seus temas de interesse, pois os trabalhos apresentados nos Encontros da ANPAP, em diferentes anos, são resultados parciais de projetos mais amplos, como o caso de Pillar (2010), Pillar; Goulart (2015) e Vilella (2013, 2015).

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Os resultados apontam que a produção acadêmica em Cultura Visual vem crescendo anualmente e a discussão na área de Educação atrai grande parte dos pesquisadores do campo. No estudo dos projetos realizados em escolas de Educação Básica não tivemos a pretensão de definir um encadeamento de procedimentos, nem sequer encontrar “o caminho” para desenvolver projetos de Cultura Visual, porém eles revelam alguns pontos em comum. Os projetos realizados no âmbito de Ensino Fundamental revelam uma preocupação com a compreensão das diferentes visualidades, como estudantes compreendem, recebem e



interpretam desenhos animados, filmes, histórias em quadrinhos, videoarte e teatro, como também o que gera a ação de desenhar nas crianças e se essa se relaciona com suas visualidades cotidianas. Nos projetos implementados no Ensino Médio nota-se a indagação sobre as identidades e a possível influência das visualidades cotidianas na constituição dessas identidades. Esses projetos não propõem aprender um meio, uma técnica, mesmo que isso possa acontecer em alguns destes.

Consideramos que a Cultura Visual abarca muito mais que um campo de estudo e pode inspirar projetos de trabalho na Educação Básica, pois se caracteriza como uma atitude intelectual que busca nas visualidades do contexto, no qual estão inseridos os sujeitos, aquelas que possam deflagrar a flexibilidade tanto de discentes como de docentes, voltando-se para si mesmos na tentativa de compreenderem seus contextos, como também seus posicionamentos nesses contextos. Essa atitude intelectual explicita o poder das imagens, das visualidades, compreendendo que toda e qualquer imagem, inclusive as eleitas para a mediação pedagógica, também são produzidas a partir de uma visão que, conseqüentemente, coloca discentes e docentes em uma determinada posição. Desse modo, o que importa não é a imagem, pois nenhuma imagem aliena ou empodera por si mesma, apesar da intencionalidade do produtor da imagem, mas é a ação das pessoas, o que elas fazem com e a partir das imagens para suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

CASTRO, Rosana de. Fotonovela: uma experiência de narrativa visual na escola. In: ENCONTRO DA ANPAP, 21, 2012, Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. p. 2274- 2287.

COSTA, Adriane Camilo; MARTINS, Alice Fátima. O Cinema como Mediador na Educação da Cultura Visual. In: ENCONTRO DA ANPAP, 17, 2008, Florianópolis, SC. Anais...Florianópolis: ANPAP/ UDESC, 2008. p.857-869

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Prefácio. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. p. 7-9.

FERNÁNDEZ, Tatiana Fernández; DIAS, Belidson. Movere Mutatio: as paisagens curriculares em fluxo na educação em visualidade. ENCONTRO DA ANPAP, 22, 2013, Belém, PA. Anais...Belém: ANPAP;PPGARTES/ICA/UFPA, 2013. p. 3367-3377.

GIMÉNEZ, María Pilar Vergara. Tanta inteligencia, tan poco rendimento: ¿podría ser la visión la clave para desbloquear su aprendizaje? Madrid: Edit. Pilar Vergara, 2008.

HERNANDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011. p. 31-50.



JAY, Martin. Relativismo Cultural e a Virada Visual. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 10/11, p. 14 - 28, 2003.

KLUG, Alessandra. O desenho infantil sob a ótica do contexto gerador do ato gráfico. In: ENCONTRO DA ANPAP, 15, 2006, Salvador, BA. Anais... Salvador: ANPAP/ UNIFACS, 2006. p. 330-338.

LUCAS, Moises. Criação como identidade e identidade como criação: as influências das novas mídias na representação adolescente. In: ENCONTRO DA ANPAP, 18, 2009, Salvador, BA. Anais... Salvador: ANPAP/ EDUFBA, 2009. p.3669 -3684

MEDEIROS, Rosana Fachel de. Os aparatos tecnológicos e os jovens: visualidades contemporâneas. In: ENCONTRO DA ANPAP, 24, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP/ Universidade Federal de Santa Maria, PPGART /Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015. p. 4112- 4126.

PILLAR, Analice Dutra; GOULART, Manuella Pereira. Arte Contemporânea e Ensino de Arte: leituras da videoarte cinema lascado. In: ENCONTRO DA ANPAP, 24, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP/ Universidade Federal de Santa Maria, PPGART /Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015. p. 2776- 2791.

PILLAR, Analice Dutra. Contágios entre arte e mídia no ensino da arte. In: ENCONTRO DA ANPAP, 19, 2010, Cachoeira, BA. Salvador : EDUFBA, 2010. p. 1927-1940.

SASSO, Leísa. Pedagogia cultural no “xadrez jogo da vida” narrativa de evento artístico. In: ENCONTRO DA ANPAP, 24, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP/ Universidade Federal de Santa Maria, PPGART /Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015. p. 4007- 4021.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

VILELA, Teresinha Maria de Castro. Grafite: “Deixe que cada um exercite a arte que conhece!”. In: ENCONTRO DA ANPAP, 24, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP/ Universidade Federal de Santa Maria, PPGART /Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015. p. 4143-4152.

VILELA, Teresinha Maria de Castro. Visualidades iniciais da EM Expedicionário Aquino de Araújo – Duque de Caxias (RJ). In: ENCONTRO DA ANPAP, 22, 2013, Belém, PA. Anais...Belém: ANPAP;PPGARTES/ICA/UFPA, 2013. p. 3378- 3388.

ZANIN, Larissa; FIRMINO; Ana Cláudia de Sena. A Leitura de Imagens publicitárias veiculadas em sites e redes sociais da Internet. In: ENCONTRO DA ANPAP, 24, 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: ANPAP/ Universidade Federal de Santa Maria, PPGART /Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015. p. 855-869.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br